

Educação inclusiva e interculturalidade: desafios e caminhos para uma escola mais justa

Entrevista conduzida por Hélia Brancons

Resumo

O Professor Juan José Leiva Olivencia é Professor Catedrático da Universidade de Málaga (Espanha), integrado no Departamento de Didática e Organização Escolar, sendo uma referência incontornável no campo das Ciências da Educação. A sua trajetória académica e científica destaca-se, em particular, nas áreas da educação inclusiva, interculturalidade, atenção à diversidade e formação de professores, assumindo um papel relevante no desenvolvimento de abordagens pedagógicas centradas na equidade e na justiça social. Ao longo da sua carreira, tem-se dedicado à análise crítica dos desafios educativos contemporâneos, sobretudo em contextos escolares marcados pela crescente pluralidade cultural, social e linguística. A sua investigação tem contribuído para aprofundar o debate sobre políticas e práticas de inclusão, processos de integração de estudantes migrantes e de minorias, bem como sobre estratégias de inovação pedagógica orientadas para a transformação educativa. Nesse sentido, o seu trabalho evidencia a necessidade de repensar modelos educativos tradicionais, promovendo ambientes escolares mais participativos, democráticos e sensíveis às diferentes realidades e necessidades dos alunos. Com uma produção científica consolidada e amplamente reconhecida, Juan José Leiva Olivencia tem desenvolvido contributos significativos sobre a convivência intercultural, a construção de comunidades educativas inclusivas e o papel da escola enquanto espaço privilegiado de cidadania. A sua atuação não se limita ao âmbito académico, articulando-se também com projetos de intervenção comunitária e iniciativas educativas que reforçam a ligação entre investigação, prática pedagógica e compromisso social. Este percurso tem permitido afirmar a escola como um lugar de encontro, diálogo e convivência intercultural, capaz de combater desigualdades e promover a inclusão efetiva de todos os estudantes. A presente entrevista com o Professor Juan José Leiva Olivencia centra-se nos desafios atuais da educação inclusiva e intercultural, num cenário marcado pelo aumento da diversidade nas escolas e pela necessidade de respostas educativas mais justas e eficazes. A partir da sua experiência científica e das suas principais linhas de investigação, serão abordadas questões relacionadas com inclusão educativa, convivência escolar, formação docente, políticas públicas e inovação pedagógica orientada para a equidade. O objetivo fundamental desta entrevista é aprofundar uma reflexão crítica, sustentada e atual sobre o papel da educação na promoção da justiça social, no respeito pela diversidade e na construção de comunidades educativas mais democráticas e participativas. Pretende-se, assim, contribuir para o

debate académico e para a melhoria das práticas educativas em diferentes contextos, reforçando o compromisso com uma escola mais inclusiva, humanizada e socialmente responsável.

Palavras-chave: Educação inclusiva; formação docente; interculturalidade.

Inclusive education and interculturality: challenges and pathways towards a more equitable school

Abstract: Professor Juan José Leiva Olivencia is a Full Professor at the University of Málaga (Spain), affiliated with the Department of Didactics and School Organization, and is widely recognized as a leading reference in the field of Educational Sciences. His academic and scientific trajectory stands out particularly in the areas of inclusive education, interculturality, attention to diversity, and teacher education, playing a significant role in the development of pedagogical approaches grounded in equity and social justice. Throughout his career, he has devoted himself to the critical analysis of contemporary educational challenges, especially in school contexts marked by increasing cultural, social, and linguistic plurality. His research has contributed to deepening the debate on inclusion policies and practices, the integration processes of migrant and minority students, as well as strategies for pedagogical innovation aimed at educational transformation. In this regard, his work highlights the need to rethink traditional educational models, promoting more participatory, democratic, and inclusive school environments that are responsive to the diverse realities and needs of students. With a well-established and widely recognized body of scientific work, Juan José Leiva Olivencia has made significant contributions to the study of intercultural coexistence, the construction of inclusive educational communities, and the role of schools as privileged spaces for citizenship. His work extends beyond academia, also involving community-based intervention projects and educational initiatives that strengthen the connection between research, pedagogical practice, and social commitment. This professional path has reinforced the idea of schools as spaces of encounter, dialogue, and intercultural coexistence, capable of addressing inequalities and promoting the effective inclusion of all students. This interview with Professor Juan José Leiva Olivencia focuses on current challenges in inclusive and intercultural education, within a context marked by increasing diversity in schools and the urgent need for fairer and more effective educational responses. Drawing on his scientific experience and main research lines, the interview addresses issues related to educational inclusion, school coexistence, teacher training, public policies, and pedagogical innovation oriented toward equity. The main objective of this interview is to deepen a critical, well-grounded, and up-to-date reflection on the role of education in promoting social justice, respect for diversity, and the development of more democratic and participatory educational communities. It thus seeks to contribute to academic debate and to the improvement of educational practices in different

contexts, reinforcing the commitment to a more inclusive, human-centered, and socially responsible school.

Keywords: Inclusive Education; Teacher Education; Interculturality.

Éducation inclusive et interculturalité : défis et voies vers une école plus équitable

Résumé : Le professeur Juan José Leiva Olivencia est professeur titulaire à l'Université de Malaga (Espagne), rattaché au Département de Didactique et d'Organisation Scolaire, et il est largement reconnu comme une référence majeure dans le domaine des Sciences de l'Éducation. Son parcours académique et scientifique se distingue particulièrement dans les domaines de l'éducation inclusive, de l'interculturalité, de l'attention à la diversité et de la formation des enseignants, jouant un rôle significatif dans le développement d'approches pédagogiques fondées sur l'équité et la justice sociale. Tout au long de sa carrière, il s'est consacré à l'analyse critique des défis éducatifs contemporains, notamment dans des contextes scolaires marqués par une pluralité culturelle, sociale et linguistique croissante. Ses recherches ont contribué à approfondir le débat sur les politiques et les pratiques d'inclusion, les processus d'intégration des élèves migrants et issus de minorités, ainsi que sur les stratégies d'innovation pédagogique visant la transformation éducative. À cet égard, son travail met en évidence la nécessité de repenser les modèles éducatifs traditionnels, en favorisant des environnements scolaires plus participatifs, démocratiques et inclusifs, capables de répondre aux réalités et aux besoins diversifiés des élèves. Avec une production scientifique solide et largement reconnue, Juan José Leiva Olivencia a apporté des contributions significatives à l'étude de la coexistence interculturelle, à la construction de communautés éducatives inclusives et au rôle de l'école en tant qu'espace privilégié de citoyenneté. Son activité dépasse le cadre universitaire, en s'inscrivant également dans des projets d'intervention communautaire et des initiatives éducatives qui renforcent le lien entre recherche, pratique pédagogique et engagement social. Ce parcours professionnel a consolidé l'idée de l'école comme un espace de rencontre, de dialogue et de coexistence interculturelle, capable de réduire les inégalités et de promouvoir l'inclusion effective de tous les élèves. Cet entretien avec le professeur Juan José Leiva Olivencia porte sur les défis actuels de l'éducation inclusive et interculturelle, dans un contexte marqué par une diversité croissante dans les écoles et par la nécessité urgente de réponses éducatives plus justes et plus efficaces. S'appuyant sur son expérience scientifique et ses principales lignes de recherche, l'entretien aborde des questions liées à l'inclusion éducative, à la coexistence scolaire, à la formation des enseignants, aux politiques publiques et à l'innovation pédagogique orientée vers l'équité. L'objectif principal de cet entretien est d'approfondir une réflexion critique, rigoureuse et actuelle sur le rôle de l'éducation dans la promotion de la justice sociale, du respect de la diversité

et du développement de communautés éducatives plus démocratiques et participatives. Il vise ainsi à contribuer au débat académique et à l'amélioration des pratiques éducatives dans différents contextes, en renforçant l'engagement en faveur d'une école plus inclusive, centrée sur l'humain et socialement responsable.

Mots-clés : Éducation inclusive ; Formation des enseignants ; Interculturalité.

Educación inclusiva e interculturalidad: desafíos y caminos hacia una escuela más equitativa

Resumen: El profesor Juan José Leiva Olivencia es Catedrático de la Universidad de Málaga (España), adscrito al Departamento de Didáctica y Organización Escolar, y es ampliamente reconocido como una referencia destacada en el ámbito de las Ciencias de la Educación. Su trayectoria académica y científica se distingue especialmente en las áreas de educación inclusiva, interculturalidad, atención a la diversidad y formación del profesorado, desempeñando un papel relevante en el desarrollo de enfoques pedagógicos fundamentados en la equidad y la justicia social. A lo largo de su carrera, se ha dedicado al análisis crítico de los desafíos educativos contemporáneos, especialmente en contextos escolares marcados por una creciente pluralidad cultural, social y lingüística. Sus investigaciones han contribuido a profundizar el debate sobre políticas y prácticas de inclusión, los procesos de integración del alumnado migrante y perteneciente a minorías, así como las estrategias de innovación pedagógica orientadas a la transformación educativa. En este sentido, su trabajo destaca la necesidad de replantear los modelos educativos tradicionales, promoviendo entornos escolares más participativos, democráticos e inclusivos, capaces de responder a las diversas realidades y necesidades del alumnado. Con una producción científica consolidada y ampliamente reconocida, Juan José Leiva Olivencia ha realizado aportaciones significativas al estudio de la convivencia intercultural, la construcción de comunidades educativas inclusivas y el papel de la escuela como espacio privilegiado de ciudadanía. Su labor trasciende el ámbito académico, participando también en proyectos de intervención comunitaria e iniciativas educativas que fortalecen la conexión entre investigación, práctica pedagógica y compromiso social. Este recorrido profesional ha reforzado la idea de la escuela como un espacio de encuentro, diálogo y convivencia intercultural, capaz de afrontar desigualdades y promover la inclusión efectiva de todo el alumnado. Esta entrevista con el profesor Juan José Leiva Olivencia se centra en los desafíos actuales de la educación inclusiva e intercultural, en un contexto marcado por el aumento de la diversidad en las escuelas y la necesidad urgente de respuestas educativas más justas y eficaces. A partir de su experiencia científica y de sus principales líneas de investigación, se abordan cuestiones relacionadas con la inclusión educativa, la convivencia escolar, la formación docente, las políticas públicas y la innovación pedagógica orientada a la equidad. El objetivo principal de esta entrevista es

profundizar una reflexión crítica, fundamentada y actualizada sobre el papel de la educación en la promoción de la justicia social, el respeto a la diversidad y la construcción de comunidades educativas más democráticas y participativas. De este modo, se pretende contribuir al debate académico y a la mejora de las prácticas educativas en distintos contextos, reforzando el compromiso con una escuela más inclusiva, humanizada y socialmente responsable.

Palabras clave: Educación inclusiva; Formación docente; Interculturalidad. **Introdução / Introducción**

Introducción

En el marco de los actuales desafíos educativos, marcados por el aumento de la diversidad cultural, social y lingüística en los centros escolares, la educación inclusiva e intercultural se presenta como una respuesta imprescindible para avanzar hacia sistemas educativos más equitativos y democráticos. En este contexto, resulta fundamental escuchar las voces de quienes, desde la investigación y la práctica académica, han contribuido de manera significativa a repensar el papel de la escuela como espacio de justicia social, convivencia y participación.

La presente entrevista al Profesor Juan José Leiva Olivencia ofrece una reflexión crítica y profunda sobre los principales retos y oportunidades que enfrenta la educación en sociedades cada vez más plurales. A través de sus respuestas, se abordan aspectos clave como la interculturalidad, la inclusión educativa, la formación docente, la convivencia escolar, las políticas públicas y la innovación pedagógica, destacando la necesidad de transformar las estructuras y culturas escolares para garantizar el derecho a una educación de calidad para todo el alumnado.

1. Marco conceptual y trayectoria científica

1. Cuáles fueron los principales hitos de su trayectoria académica que le condujeron a la investigación en educación intercultural e inclusiva?

A lo largo de mi trayectoria académica, los principales hitos han estado vinculados a la constatación de que la escuela, tal y como está configurada, no garantiza la igualdad real de oportunidades para todo el alumnado. Desde mis primeros trabajos, me interesó analizar cómo las desigualdades sociales, culturales y económicas se traducen en desigualdades educativas, y cómo determinadas culturas escolares tienden a invisibilizar o subordinar a los estudiantes de orígenes diversos. Ese recorrido me llevó a profundizar

en la educación intercultural e inclusiva como marcos teóricos y prácticos para repensar la escuela desde la justicia social, la participación y el reconocimiento de la diversidad como valor educativo.

2. Qué autores, corrientes o experiencias considera que han influido de manera decisiva en su pensamiento científico?

Mi pensamiento científico se ha nutrido de diversas corrientes críticas de la educación y de la pedagogía social. Han sido especialmente influyentes los enfoques de la pedagogía crítica, las teorías de la justicia social y las perspectivas interculturales que conciben la diversidad como una oportunidad para transformar las instituciones educativas. También han sido decisivas experiencias de trabajo colaborativo con centros escolares, docentes y comunidades, que me han mostrado que el cambio educativo no se produce solo desde los discursos, sino también desde las prácticas concretas de aula, de centro y de territorio. En ese diálogo entre teoría y práctica se ha ido configurando mi mirada sobre la inclusión y la interculturalidad....Si tuviera que decirte algunos autores, me quedaría con el profesor José Antonio Jordán, Encarnación Soriano Ayala, Miguel A. Santos Rego, C. Sleeter, C. Grant, o por supuesto Miquel Essomba. Son mis referentes en materia de interculturalidad.

3. Qué laguna identificó en el campo educativo que le motivó a desarrollar investigación en este ámbito?

La laguna que siempre he percibido en el campo educativo es la distancia entre el discurso aparentemente consensuado sobre inclusión y diversidad, y las prácticas reales que se desarrollan en las escuelas. A menudo se habla de inclusión, pero se mantienen estructuras selectivas, currículos homogéneos y culturas escolares poco sensibles a las diferencias culturales, lingüísticas o socioeconómicas. Esa brecha entre lo que se declara y lo que se hace me llevó a investigar cómo se construyen las políticas y prácticas inclusivas, qué obstáculos encuentran y qué condiciones facilitan que la diversidad se convierta en un eje vertebrador del proyecto educativo y no solo en un eslogan bienintencionado. En síntesis, siempre me ha preocupado que estemos entre el “deseo y la realidad”. Entre el deseo de tener propuestas e ideas de progreso y mejora en términos de interculturalidad, y la realidad de que no existen mejoras visibles, reflexivas o críticas. El folclorismo o la mirada romántica ha primado siempre más que visiones socioculturales más integrales.

2. Interculturalidad: fundamentos e implicaciones

1. Cómo define el concepto de educación intercultural en el marco de las Ciencias de la Educación?

Entiendo la educación intercultural como un enfoque pedagógico y político que coloca la diversidad cultural en el centro del proyecto educativo, no como problema a gestionar, sino como recurso y principio de justicia. Supone revisar los contenidos, las metodologías, las relaciones y la organización escolar para garantizar reconocimiento, participación y éxito educativo a todo el alumnado, independientemente de su origen. En el marco de las Ciencias de la Educación, la educación intercultural implica una mirada crítica a las relaciones de poder que atraviesan la escuela y una apuesta por construir espacios de diálogo, encuentro, convivencia, enriquecimiento y aprendizaje mutuo entre culturas.

2. Desde su perspectiva, cuáles son los pilares esenciales de una escuela intercultural?

Desde mi perspectiva, una escuela intercultural se sostiene sobre varios pilares esenciales: el reconocimiento de la diversidad cultural como valor educativo; la participación activa de todo el alumnado en la vida escolar; la revisión crítica del currículo y de los materiales para evitar sesgos etnocéntricos; y la construcción de una cultura institucional basada en la equidad y la convivencia democrática. A estos pilares se suman la colaboración con las familias y la comunidad, y un liderazgo pedagógico comprometido con la transformación inclusiva del centro.

3. En qué medida debe entenderse la interculturalidad como un enfoque pedagógico y no solo como un discurso político?

La interculturalidad debe entenderse, ante todo, como un enfoque pedagógico que atraviesa la práctica educativa cotidiana, y no únicamente como un discurso político o una declaración de intenciones. Cuando se queda en el plano discursivo, corre el riesgo de convertirse en un conjunto de eslóganes sin impacto real en la organización de las aulas, en las expectativas del profesorado o en la evaluación del alumnado. Concebirla como enfoque pedagógico significa preguntarse qué enseñamos, cómo lo enseñamos, desde qué voces y rostros, y con qué relaciones de poder en el aula, y qué lugar ocupan las culturas y lenguas de los estudiantes en ese proceso que es complejo, cambiante y siempre dinámico.

4. Considera que la interculturalidad es hoy un principio transversal de las políticas educativas europeas, o sigue siendo un desafío pendiente de concretar?

En el contexto europeo, la interculturalidad aparece recogida en numerosos documentos y marcos de referencia, pero su traducción en políticas educativas concretas sigue siendo desigual y, en muchos casos, insuficiente. Más que un principio plenamente transversal y consolidado, continúa siendo un desafío pendiente, especialmente cuando se analiza la segregación escolar, las desigualdades en los itinerarios académicos o el tratamiento de las lenguas y culturas de las minorías. El reto es pasar de la retórica intercultural a políticas coherentes que aborden la equidad, la justicia social, la formación intercultural de los profesionales de la educación y la dotación de recursos en los centros, especialmente en aquellos donde hay estudiantes y familias en situación de vulnerabilidad o en zonas de alta complejidad.

3. Inclusión educativa y justicia social

1. Cómo conceptualiza la educación inclusiva y qué dimensiones considera centrales en este concepto?

Concibo la educación inclusiva como un proyecto de transformación profunda del sistema educativo orientado a garantizar el derecho a una educación de calidad para todas las personas, sin exclusiones ni jerarquías. Sus dimensiones centrales incluyen el acceso, la participación, el aprendizaje significativo y el sentido de pertenencia del alumnado a la comunidad escolar. No se trata solo de escolarizar, sino de crear contextos donde cada estudiante encuentre reconocimiento, apoyo y oportunidades reales de éxito educativo.

2. Qué diferencia considera fundamental entre integración e inclusión?

La diferencia fundamental entre integración e inclusión radica en el lugar donde situamos el cambio. La integración suele centrarse en la adaptación del alumnado a una escuela que permanece esencialmente igual, mientras que la inclusión cuestiona y transforma la propia estructura, cultura y prácticas de la institución para responder a la diversidad. En la inclusión, la responsabilidad del cambio recae en el sistema educativo y no en el estudiante considerado “diferente”, lo que implica revisar el currículo, la evaluación, la organización de apoyos y las expectativas docentes.

3. De qué modo se articula la inclusión con los principios de equidad y justicia social?

La inclusión se articula con los principios de equidad y justicia social en la medida en que busca redistribuir oportunidades, reconocer identidades diversas y garantizar la participación plena de todos los sujetos en la vida educativa. Una escuela inclusiva no solo compensa desigualdades, sino que también cuestiona aquellas dinámicas que las generan o perpetúan, como la segregación, los prejuicios o los currículos monoculturales. De este modo, la inclusión se convierte en un componente clave de un proyecto educativo comprometido con la democracia y la cohesión social.

4. En su investigación, cuáles son los obstáculos estructurales más persistentes para la inclusión en las escuelas?

En mis investigaciones he identificado varios obstáculos estructurales persistentes para la inclusión: la invisibilidad de la diversidad o miradas más bien restrictivas de la misma (meramente folclóricas y/o románticas de la cultura), la organización rígida de los centros, las culturas escolares estandarizadas y meritocráticas, la insuficiencia de recursos y apoyos, y la falta de tiempo y espacios para el trabajo cooperativo del profesorado, la apertura a entidades sociales, etc. También siguen presentes prácticas de etiquetaje y categorización que sitúan el “problema” en el estudiante y no en el sistema. Estos obstáculos muestran que la inclusión no es solo un asunto metodológico o didáctico, sino una cuestión de modelo educativo y de prioridades para acciones sociales más comprometidas, democráticas y solidarias.

4. Migraciones, diversidad cultural y sistemas educativos

1. De qué manera la intensificación de las migraciones ha transformado las dinámicas escolares y educativas?

La intensificación de las migraciones ha hecho visibles, con mayor claridad, las limitaciones de una escuela pensada desde parámetros monoculturales y homogéneos. Las aulas se han poblado de lenguas, historias y trayectorias diversas que interpelan al sistema educativo a revisar sus supuestos sobre normalidad, pertenencia y éxito escolar. Al mismo tiempo, esta diversidad ha abierto la posibilidad de construir proyectos educativos más ricos, basados en el diálogo intercultural y en el aprendizaje entre iguales.

2. Cuáles son las principales barreras que enfrenta el alumnado migrante en los procesos de integración escolar?

El alumnado migrante se enfrenta a múltiples barreras en los procesos de integración escolar: dificultades lingüísticas no siempre atendidas adecuadamente, expectativas bajas por parte de algunos docentes, desconocimiento de sus trayectorias y capitales culturales,

situaciones de segregación por centros o aulas, y experiencias de racismo y discriminación. Estas barreras no son solo individuales, sino estructurales, y se relacionan con políticas de acceso, distribución del alumnado y organización de apoyos que pueden favorecer la inclusión o, por el contrario, reproducir desigualdades.

3. Cómo interpreta el papel de la escuela en la construcción del sentimiento de pertenencia y ciudadanía de niños, niñas y jóvenes migrantes?

La escuela desempeña un papel clave en la construcción del sentimiento de pertenencia y ciudadanía de niños, niñas y jóvenes migrantes, en la medida en que puede ofrecerles reconocimiento, participación y oportunidades de éxito. Cuando la institución educativa valora sus lenguas, culturas y experiencias, y les ofrece espacios para expresarse y ser escuchados, contribuye a que se sientan parte de la comunidad. Por el contrario, cuando se les mantiene en posiciones marginales o se les asocia a déficit, se debilita su vínculo con la escuela y con la sociedad de acogida.

4. Qué estrategias considera más eficaces para evitar procesos de exclusión, segregación o estigmatización cultural?

Entre las estrategias más eficaces para evitar procesos de exclusión, segregación o estigmatización cultural destacaría la escolarización equilibrada (no guetizar los contextos educativos), el trabajo cooperativo en las aulas, el uso de pedagogías inclusivas centradas en el alumno, y la apertura de los centros a la participación de las familias y comunidades. Es fundamental también abordar de forma explícita el racismo y los prejuicios, incorporando la educación antirracista y de derechos humanos al currículo y a la propia cultura escolar. La creación de redes entre escuelas, servicios sociales y entidades comunitarias refuerza estas estrategias y permite abordar la inclusión desde una perspectiva más amplia, holística y abierta.

5. Formación docente y competencias interculturales

1. Qué competencias considera esenciales para que el profesorado actúe en contextos marcados por la diversidad cultural?

Las competencias esenciales del profesorado en contextos de diversidad cultural incluyen una sólida base en educación intercultural e inclusiva, capacidades para analizar críticamente sus propias expectativas y prejuicios, y habilidades para diseñar prácticas pedagógicas diferenciadas y cooperativas. También son fundamentales las competencias comunicativas para trabajar con alumnado y familias de distintos orígenes, así como la capacidad de generar climas de aula basados en el respeto, el diálogo y la participación.

Todo ello requiere una actitud de apertura, aprendizaje continuo y compromiso ético con la equidad.

2. La formación inicial del profesorado prepara adecuadamente para realidades multiculturales? ¿Dónde se sitúan las principales lagunas?

La formación inicial del profesorado, en general, todavía no prepara de manera suficiente para las realidades multiculturales y complejas de las escuelas. Persisten enfoques excesivamente teóricos, fragmentados y poco conectados con los contextos reales donde el futuro profesorado va a trabajar. Las principales lagunas se sitúan en la falta de experiencias prácticas en centros diversos, en la escasa presencia de contenidos sobre interculturalidad y justicia social, y en la ausencia de un trabajo sistemático sobre la propia identidad docente y los sesgos implícitos.

3. Cuál debe ser el papel de la formación continua en la consolidación de prácticas inclusivas?

La formación continua tiene un papel decisivo en la consolidación de prácticas inclusivas, porque permite acompañar los procesos de cambio que se dan en los centros y responder a nuevas necesidades que emergen. Más que ofrecer cursos puntuales, se trata de promover procesos formativos vinculados a proyectos de innovación, investigación-acción y reflexión colectiva sobre las prácticas. De este modo, la formación se convierte en un espacio de construcción de conocimiento profesional compartido y no solo en una actualización técnica.

4. Cómo valora la importancia de la dimensión reflexiva y crítica en la formación docente?

La dimensión reflexiva y crítica en la formación docente es fundamental, porque sin ella el profesorado corre el riesgo de reproducir mecánicamente modelos excluyentes o de aplicar estrategias sin cuestionar su sentido. La reflexión crítica permite revisar las propias prácticas, reconocer las desigualdades que se producen en el aula y buscar alternativas pedagógicas coherentes con los principios de inclusión e interculturalidad. Es, en definitiva, una condición para que el docente se convierta en un profesional capaz de analizar, decidir y transformar, y no solo en un mero ejecutor de programas.

5. Qué modelo de docente considera más adecuado para las exigencias de la educación inclusiva e intercultural?

El modelo de docente que considero más adecuado para la educación inclusiva e intercultural es el de un profesional comprometido, reflexivo, colaborador, crítica y capaz de trabajar en red con otros agentes educativos y comunitarios. Un docente que reconoce

la diversidad de su alumnado como punto de partida para planificar y que asume la responsabilidad de generar contextos de aprendizaje flexibles, participativos y exigentes para todos. Este modelo se aleja de la figura del docente individualista y transmisor de contenidos, y se acerca a una concepción más colegiada, ética y socialmente comprometida de la profesión. Aquí resulta clave la construcción de las identidades profesionales a partir de un enfoque o paradigma de inclusión e interculturalidad.

6. Cultura escolar, convivencia y gestión de la diversidad

1. Qué factores contribuyen a la construcción de una cultura escolar inclusiva?

Entre los factores que contribuyen a una cultura escolar inclusiva se encuentran un proyecto educativo claramente orientado a la equidad, un liderazgo pedagógico que promueve la participación y el trabajo colaborativo, y una organización flexible de tiempos, espacios y apoyos. También son claves las expectativas altas hacia todo el alumnado, la implicación de las familias y la existencia de normas y prácticas de convivencia que favorezcan el respeto y la resolución dialogada de los conflictos. Todo ello configura un clima escolar donde la diversidad se vive como parte natural de la vida del centro.

2. Cómo interpreta la relación entre diversidad cultural y convivencia escolar?

La relación entre diversidad cultural y convivencia escolar es compleja y no puede reducirse a la idea de que “más diversidad implica más conflicto”. En realidad, los conflictos suelen aparecer cuando no existen espacios de diálogo, cuando hay estigmatización o cuando las diferencias se gestionan desde el miedo o la ignorancia. Una gestión pedagógica de la diversidad, basada en el reconocimiento y la participación, puede convertir la presencia de culturas distintas en una oportunidad para aprender a convivir en sociedades plurales.

3. En qué medida el racismo, la xenofobia o los prejuicios culturales siguen influyendo en los contextos educativos?

El racismo, la xenofobia y los prejuicios culturales siguen influyendo en los contextos educativos, aunque a veces se manifiesten de forma sutil o encubierta. Se expresan en expectativas bajas hacia determinados grupos de estudiantes, en comentarios o prácticas discriminatorias, o en la invisibilización de ciertas culturas en el currículo. Por ello resulta imprescindible nombrar y analizar estas formas de discriminación, y no considerar que la escuela es un espacio neutral ajeno a las desigualdades sociales.

4. Qué papel puede desempeñar la educación intercultural en la prevención de conflictos y en el fortalecimiento de la cohesión social?

La educación intercultural puede desempeñar un papel importante en la prevención de conflictos y en el fortalecimiento de la cohesión social, al ofrecer marcos de comprensión sobre la diversidad y estrategias para el diálogo y la mediación. Integrar la perspectiva intercultural en el currículo, en los proyectos de centro y en la formación del profesorado contribuye a que los estudiantes desarrollen competencias para convivir en sociedades complejas, reconociendo derechos, cuestionando estereotipos y construyendo vínculos de solidaridad. De este modo, la escuela se convierte en un espacio de aprendizaje para la ciudadanía democrática y plural.

7. Innovación pedagógica y transformación educativa

1. Cómo define la “innovación educativa” cuando se aplica al campo de la inclusión?

Cuando hablo de innovación educativa en el campo de la inclusión me refiero a procesos de cambio intencionales, inclusivos, sostenibles y reflexivos que buscan mejorar las oportunidades de aprendizaje y participación de todo el alumnado. No se trata solo de introducir novedades, sino de revisar críticamente lo que hacemos para hacerlo más coherente con los principios de equidad y justicia social. Una innovación verdaderamente inclusiva transforma de forma proactiva y constructiva las culturas, políticas y prácticas de los centros, y no se limita a experiencias aisladas. No se trata de asimilar o de reproducir acríticamente, sino de producir o por lo menos tener la voluntad inequívoca de provocar y suscitar aprendizajes y debates abiertos y de crecimiento interpersonal y comunitario desde y en la diversidad.

2. Qué metodologías pedagógicas considera más eficaces para promover la participación, la pertenencia y el éxito escolar?

Entre las metodologías pedagógicas más eficaces para promover participación, pertenencia y éxito escolar destacaría el aprendizaje cooperativo, los proyectos interdisciplinarios, las pedagogías basadas en la indagación y la resolución de problemas, y las estrategias de diferenciación pedagógica. Estas metodologías permiten atender ritmos y estilos diversos, dar voz al alumnado y favorecer la construcción colectiva del conocimiento. Además, contribuyen a que los estudiantes se perciban como protagonistas de su aprendizaje y miembros valiosos de la comunidad de aula.

3. Cómo evitar que la innovación se reduzca a una dimensión técnica o meramente tecnológica?

Para evitar que la innovación se reduzca a una dimensión técnica o meramente tecnológica es importante vincularla siempre a preguntas sobre el sentido educativo y ético de lo que hacemos. La tecnología puede ser un recurso valioso, pero si no se acompaña de un cambio en las relaciones pedagógicas y en la organización escolar, corre el riesgo de reforzar modelos tradicionales o de aumentar brechas. Por eso, la innovación debe ir unida a procesos de reflexión, participación y evaluación que pongan en el centro la mejora de las condiciones de aprendizaje de quienes están en situación de mayor vulnerabilidad.

4. Qué cambios considera necesarios a nivel de las instituciones escolares para consolidar procesos de transformación inclusiva?

A nivel institucional, son necesarios cambios como el fortalecimiento del trabajo en equipo del profesorado, la flexibilización de agrupamientos y horarios, la creación de estructuras de coordinación interprofesional y la apertura de los centros a la comunidad. También resulta clave revisar los sistemas de evaluación y de rendición de cuentas para que no penalicen la diversidad ni desincentiven el trabajo en contextos complejos. Solo así la transformación inclusiva puede consolidarse y no depender exclusivamente de iniciativas individuales.

8. Tecnologías educativas e inclusión

1. Cuál es el potencial real de las tecnologías digitales en la promoción de la inclusión y la interculturalidad?

El potencial de las tecnologías digitales para la inclusión y la interculturalidad es significativo si se utilizan con criterios pedagógicos claros y orientados a la equidad. Permiten diversificar recursos, ofrecer apoyos personalizados, facilitar el acceso a materiales en distintas lenguas y fomentar la colaboración entre estudiantes de contextos diferentes. También abren la posibilidad de visibilizar narrativas y voces que tradicionalmente han estado ausentes del currículo.

2. De qué manera la digitalización puede también profundizar desigualdades educativas?

Sin embargo, la digitalización puede profundizar las desigualdades educativas cuando el acceso a dispositivos, conectividad y competencias digitales no está garantizado para todo el alumnado. La brecha digital no es solo tecnológica, sino también cultural y pedagógica, y afecta especialmente a estudiantes de entornos socioeconómicos

desfavorecidos o de familias con menor capital educativo. Si no se toman medidas de compensación, las tecnologías pueden convertirse en un nuevo factor de exclusión.

3. Qué principios deben orientar el uso pedagógico de las TIC para garantizar accesibilidad y equidad?

El uso pedagógico de las TIC debe orientarse por principios como la accesibilidad universal, la usabilidad, la pertinencia cultural y la protección de derechos del alumnado. Es importante seleccionar recursos que permitan adaptar los contenidos a distintas necesidades, promover actividades colaborativas y evitar representaciones estereotipadas. Además, la tecnología debe estar al servicio de proyectos educativos que refuercen la participación y la autonomía de los estudiantes, y no solo de la transmisión de información.

4. Considera que el desarrollo de competencias digitales debe entenderse como parte de la ciudadanía intercultural?

Considero que el desarrollo de competencias digitales forma parte de la ciudadanía intercultural, en la medida en que hoy la participación social, el acceso a la información y la construcción de identidades también se producen en entornos digitales. Formar en competencias digitales críticas implica enseñar a interpretar discursos, detectar desinformación, respetar la diversidad en las redes y utilizar las tecnologías para el bien común. De este modo, se articula la dimensión tecnológica con la ética, la interculturalidad y los derechos humanos.

9. Políticas públicas y desafíos institucionales

1. Cómo evalúa el impacto de las políticas educativas actuales en la consolidación de la inclusión?

El impacto de las políticas educativas en la consolidación de la inclusión es ambivalente: conviven avances normativos importantes con dificultades para su implementación en los centros. En muchos casos se reconocen derechos y se establecen marcos inclusivos, pero no siempre se traducen en recursos, acompañamiento y cambios organizativos suficientes. La inclusión requiere políticas coherentes, sostenidas en el tiempo y evaluadas desde criterios de equidad, justicia social e inclusión.

2. Considera que existe coherencia entre las políticas públicas y las condiciones concretas de las escuelas?

No siempre existe coherencia entre las políticas públicas y las condiciones concretas de las escuelas, especialmente de aquellas situadas en contextos de mayor vulnerabilidad.

A menudo se demandan resultados homogéneos sin tener en cuenta las desigualdades de partida, o se plantean reformas sin proporcionar los apoyos necesarios. Esta falta de alineación genera tensiones en los centros y puede desincentivar el compromiso con proyectos inclusivos cuando las condiciones de trabajo son muy exigentes.

3. Qué papel atribuye al liderazgo escolar y a la gestión educativa en la implementación de prácticas inclusivas?

El liderazgo escolar y la gestión educativa desempeñan un papel clave en la implementación de prácticas inclusivas, porque pueden crear condiciones organizativas y culturales favorables al cambio. Un liderazgo distribuido, participativo y centrado en la pedagogía facilita el trabajo en equipo, el análisis de datos desde la perspectiva de la equidad y la implicación de toda la comunidad educativa. Por el contrario, modelos de liderazgo burocrático o centrados exclusivamente en la gestión administrativa dificultan la construcción de proyectos inclusivos sólidos.

4. Qué cambios estructurales son necesarios para que la inclusión sea efectiva y sostenible?

Entre los cambios estructurales necesarios para una inclusión efectiva y sostenible destacaría la lucha contra la segregación escolar, la garantía de recursos y apoyos suficientes en los centros con mayor complejidad, y la revisión de los sistemas de selección y evaluación. Es esencial también fortalecer las redes interinstitucionales entre servicios sociales, sanitarios y educativos, y reconocer el tiempo de coordinación y reflexión docente como parte del trabajo profesional. Solo así la inclusión puede dejar de ser un esfuerzo individual y convertirse en una política de sistema.

10. Tendencias futuras y agenda de investigación

1. Cuáles son los desafíos emergentes más relevantes para la educación intercultural e inclusiva en los próximos años?

Entre los desafíos emergentes para la educación intercultural e inclusiva en los próximos años se encuentran la gestión de nuevas formas de desigualdad vinculadas a la digitalización, el aumento de los discursos de odio y xenofobia, y las consecuencias educativas de las crisis sociales, económicas y ambientales. También será un reto fortalecer el sentido de comunidad y pertenencia en contextos marcados por la fragmentación social. Todo ello exige renovar las preguntas sobre qué significa hoy una escuela justa, democrática, inclusiva y, por supuesto, intercultural.

2. Qué áreas de investigación considera prioritarias en este campo?

Las áreas de investigación prioritarias, a mi juicio, incluyen el análisis de las políticas de inclusión y sus efectos reales en los centros, el estudio de las experiencias de alumnado y familias en contextos de alta diversidad, y la evaluación de prácticas pedagógicas innovadoras orientadas a la equidad. Es importante también investigar el papel de las tecnologías en la inclusión, así como las formas de liderazgo y organización escolar que facilitan la transformación intercultural de las instituciones. Y, no puedo olvidarme de la importancia de las emociones en la educación intercultural. Es necesario indagar más y mejor sobre las conexiones entre la educación emocional y la interculturalidad, para ser más empáticos y promover más prácticas educativas interculturales que estén vinculadas con las personas desde el corazón.

3. Qué recomendaciones daría a investigadores y responsables políticos para reforzar prácticas inclusivas basadas en evidencia científica?

A investigadores y responsables políticos les recomendaría reforzar el diálogo entre evidencia científica, práctica educativa y decisiones de política pública, evitando diseños que no tienen en cuenta la voz de los centros y de las comunidades. Es fundamental apostar por investigaciones colaborativas, de carácter crítico, que permitan identificar tanto buenas prácticas como barreras estructurales, y que se traduzcan en propuestas concretas de mejora. La inclusión no puede construirse solo desde despachos o laboratorios, sino en interacción con quienes viven la escuela cada día. Y, por supuesto, que trabajen en comunidad y con personas con distintos códigos y referentes culturales, siempre apostando por la interdisciplinariedad y no con intenciones “extractivas” de información. Debemos hacer investigaciones inclusivas e interculturales, y eso supone tener criterios éticos de sostenibilidad y de justicia social en los estudios de investigación.

4. Qué mensaje considera importante transmitir al profesorado y a los profesionales de la educación que trabajan en contextos de alta diversidad?

Al profesorado y a los profesionales de la educación que trabajan en contextos de alta diversidad les transmitiría un mensaje de reconocimiento y esperanza: su labor es fundamental para construir sociedades más justas y cohesionadas. Les animaría a no sentirse solos, a buscar apoyos, redes y espacios de reflexión compartida, y a mantener una mirada crítica pero también optimista sobre la capacidad transformadora de la escuela. Cada aula puede convertirse en un laboratorio de convivencia democrática y de aprendizaje intercultural si se trabaja con convicción, diálogo y compromiso ético.

Conclusão/Conclusión

La entrevista al Prof. Dr. Juan José Leiva Olivencia constituye un aporte sólido y profundamente esclarecedor para comprender los desafíos contemporáneos de la educación inclusiva y la interculturalidad. A lo largo de sus respuestas, se evidencia una perspectiva crítica y comprometida, que supera enfoques superficiales o meramente retóricos sobre la diversidad, subrayando la urgencia de transformar la escuela en su estructura, cultura y práctica pedagógica.

El entrevistado reafirma que la interculturalidad no puede reducirse a discursos políticos o iniciativas puntuales de carácter folclórico, sino que debe consolidarse como un eje pedagógico transversal, capaz de cuestionar desigualdades, deconstruir prejuicios y promover el reconocimiento efectivo de las identidades culturales. Paralelamente, la inclusión se presenta como un proyecto de justicia social que exige cambios sistémicos, desde el currículo hasta la organización escolar, desplazando el foco del “alumno diferente” hacia la responsabilidad colectiva del sistema educativo.

La entrevista destaca también que fenómenos como las migraciones, el racismo estructural y la segregación escolar continúan generando exclusiones persistentes, poniendo de manifiesto la necesidad de políticas públicas coherentes, recursos adecuados y un liderazgo escolar comprometido. La formación docente aparece como un elemento central: sin una dimensión reflexiva, crítica y colaborativa, difícilmente se consolidarán prácticas inclusivas sostenibles.

En síntesis, esta conversación revela que construir una escuela más justa implica valentía institucional, compromiso ético y una acción educativa transformadora. La educación intercultural e inclusiva surge, así, no solo como respuesta a la diversidad, sino como fundamento de una democracia más plena, donde la escuela se afirma como un espacio de pertenencia, ciudadanía y humanización.

Declaração da utilização de Inteligência Artificial Generativa (IAGen)

Declaro que foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAGen), nomeadamente o ChatGPT, com o objetivo de apoiar a tradução do manuscrito.

Hélia Brancons

Universidade Lusófona, Lisboa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5363-4897>

E. mail: helia.brancons@ulusofona.pt

Juan Leiva Olivencia

Universidad de Málaga

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2857-8141>

E-mail: jjleiva@uma.es

Data de submissão: Janeiro, 2026

Data de avaliação: Fevereiro-Março, 2026

Data de publicação: Maio, 2026